

EMPODERAMENTO FEMININO E AGRICULTURA FAMILIAR: OS CAMINHOS DO EMPREENDEDORISMO RURAL NA SERRA DO TEIXEIRA (PB)

Karoline Fernandes Siqueira Campos (1); Vinicius Batista Campos (2);

*Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus Princesa Isabel,
karoline.campos@ifpb.edu.br*

Introdução

O Movimento de Mulheres no Empreendedorismo Rural na Serra do Teixeira/PB, vem nos últimos anos ganhando destaque principalmente nas discussões sobre a Agricultura Familiar e o Empoderamento Feminino nos caminhos dos arranjos produtivos locais no Sertão Nordeste, sendo impulsionada pelos conceitos da segurança e a soberania alimentar, ocupações exclusivas do gênero masculino até bem pouco tempo e nessa conjuntura de transformações, evidenciar o protagonismo feminino no campo, nas produções de alimentos saudáveis e sustentáveis, na comercialização e geração de renda; imprimindo ideias de igualdade nas relações de trabalho e nas lideranças dos empreendimentos rurais.

A agricultura desde os primórdios da evolução humana, fase dos povos nômades, se fizeram necessária para a produção alimentícia e manutenção das espécies; e a partir desta necessidade, as demandas de implantação de técnicas motivou a implementação de mecanismos e ferramentas, que diminuíssem os impactos com a natureza, avaliando principalmente os recursos como esgotáveis; esse controle sobre os meios e a mudança da produção, exigiu que as relações de trabalho e as divisões de tarefas também passassem por reformulações, possibilitando à mulher e demais integrantes da família uma participação no processo produtivo, que gerou a Agricultura Familiar, apoiada e incentiva inclusive por meio de políticas públicas, a exemplo do Programa Nacional do Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF).

Os produtores rurais vivendo uma nova fase, e na região Nordeste com as deficiências de água e fertilidade dos solos, buscaram com as parcerias criar Cooperativas, Associações e/ou comunidades tradicionais, que com lideranças atuantes, passaram de produções ineficientes à eficácia e a produção de alimentos agroecológicos, sem uso de agrotóxicos ou venenos e dando mais oportunidade na condução dos negócios pelas mulheres, que com estratégias de mercado, sendo audaciosas e empreendedoras, fomentaram articulações junto aos órgãos de Assistência Técnica Rural, buscaram

a regularização de suas terras e começaram a acessar com suas famílias, recursos e aportes financeiros do Governo e Bancos Financiadores.

O protagonismo feminino e o empoderamento das práticas agroecológicas, fizeram com que casos de sucesso pudessem aumentar as produções de produtos orgânicos e também de criação de novos produtos artesanais, aproveitamento alimentos e espécies do Bioma Caatinga que sem perspectiva serviam apenas como alimentação dos animais, com a criatividade aforada e iniciativas de começar algo novo e fazer, princípios do Empreendedorismo, vem aos poucos começando um novo movimento intitulado ou reconhecido como: “momento de se arriscar”; “momento de buscar novos horizontes” e “momento de criar produtos valorizando a nossa região”.

Este texto parte de uma pesquisa recente e ainda está em construção, cujos desdobramentos partiram do Componente Curricular Empreendedorismo, ministrado aos alunos do Curso de Formação Inicial e Continuada – FIC em Agricultura Familiar de maio à agosto do corrente ano no IFPB – Campus Princesa Isabel, nas atividades em sala de sala aula, aportados pelo conteúdo programático anteriormente planejado, nas rodas de conversas, nos relatos, nas entrevistas dirigidas para entender a realidade local de suas produções, e com os depoimentos de experiências vividas e vivenciadas em seus territórios de produção, o viés das aulas foi reprogramado, e mantivemos a lógica da criação e da organização das produções in locu, atendendo as demandas de marketing, planejamento estratégico e a valorização regional das entre safras.

Referencial Bibliográfico

Na década de 1980, o Movimento de Mulheres na Agricultura (MMA) ganhou renome nacionalmente valorizando as mulheres rurais em suas produções agrícolas e artesanais, as camponesas do cerrado, as pescadoras da Amazônia, as quebradeiras de coco e babaçu das regiões norte e nordeste, as que garantem a subsistência de suas famílias, produzem alimentos e comercializam parte de suas produções e ainda fomentando articulações para a valorização das classes e a introdução de outros nomenclaturas a exemplo do MMC - Movimento de Mulheres Camponesas (MMC, 2009).

Nestes movimentos, no reconhecimento de suas práticas e no empoderamento de categorias, muitas discussões sobre as produções, relevâncias de lideranças femininas e a organização de mecanismos de salvaguardam-se os conceitos de segurança e soberania alimentar, e que mantivessem

em suas produções, o cultivo agroecológico, a conservação de sementes crioulas e a existência de alimentos suficientes ao seus lares e com muita qualidade; esse pressuposto teórico de acordo com Léon (2003), é a mola propulsora da Revolução Verde, cujas produções são livres de agrotóxicos e mesmo sabendo que não iriam salvar o mundo, lutam para manter viva a esperança.

As proposituras na história com a participação feminina, segue direções à caminhos nunca visitados, buscam a valorização e resgate de técnicas que suas mães e avós dominavam com a intenção de restituir uma alimentação mais saudável aos seus familiares, as suas comunidades, aos grupos que se relacionavam, fazendo jus ao movimento de transformação, de ir adiante, de perpetuar saberes e conhecimentos advindos e aprendidos em suas casas na infância; são adeptas ao regate das ervas medicinais, deixando a dependência químicas do ramo farmacêutico, e estimulando o que é tradição, rito e valorização regional e da natureza (MMC/SC, 2010).

As sementes da Revolução Verde, do MMA, do MMC acrescentaram em diversas parte do país o sentimento de pertença, de empoderamento e de libertação nas mulheres, que perceberam suas forças, suas importâncias na vida de suas famílias, pensamento este que foi corroborado por Menasche (2007), ao trazer à tona a mulher como agente principal no processo sócio produtivo da agricultura familiar, uma vez que ela desempenha múltiplas funções e tarefas na organização interna das unidades produtivas e tendo no seu trabalho uma das principais estratégias de reprodução social.

Mulheres Rurais e Empreendedoras, com visão na sustentabilidade e na promoção de inovações, mudanças e fortalecimento da agricultura familiar, embasadas na inclusão e direitos iguais de gêneros, e nesta ótica Schumpeter (1982), preconiza que os empreendedores são agentes sociais que possuem capacidade de inovação, o autor utiliza o termo “destruição criativa” para demonstrar a substituição dos métodos antigos pelos novos e ainda em Lana, et al. (2013), são movidos pela paixão pelo que fazem e que buscam deixar um legado, uma história com competência, entusiasmo, racionalidade, tolerância, persistência e flexibilidade (BOM ANGELO, 2003)

Procedimentos Metodológicos

A abordagem da Pesquisa é qualitativa e etnográfica, visando interpretar o universo dos sujeitos pesquisados, por meio de suas relações, atuações, representações e modo de vida, congregando as intencionalidades, os significados atribuídos pelos próprios atores do estudo em sua

relação social e o nível de detalhamento, informações com a preservação das perspectivas dos participantes (GUIMARÃES, et al., 2004).

Com o método escolhido serão analisados, observados e diagnosticados os aspectos do Empreendedorismo Rural, a participação das mulheres na Agricultura Familiar e Agroecológica da Serra do Teixeira/PB e todos os desafios enfrentados para o empoderamento feminino frente à sociedade e aos seus negócios.

Resultados e Discussões

A Serra do Teixeira/PB é uma micro região localizada no Sertão Paraibano - Nordeste e é composto por 11 municípios: Água Branca, Cacimbas, Imaculada Juru, Manaíra, Princesa Isabel, São José de Princesa, Desterro, Matureia, Teixeira, Tavares com um dos piores Índices de Desenvolvimento Humanos da Paraíba, tem cerca de 25.000 pessoas desenvolvendo atividades com a Agricultura Familiar em uma área total de 2.651,051 km², com grandes problemas de seca, necessitando em sua história construir cisternas e reservatórios suspensos para coleta de água (IBGE, 2010).

Na fase de reconhecimento da realidade das mulheres empreendedoras rurais da Serra do Teixeira/PB, com a prática vivência nas comunidades, por meio dos relatos e rodas de conversa, foi comprovada que mesmo com a movimentação das mulheres na zona rural, ainda são desvalorizadas, em suas experiências cronologicamente relatadas, as histórias de conflitos pelo coronelismo justificam a hierarquia de submissão ao marido, das imposições quanto ao papel exclusivo de ser e estar no lar, em média eram 10 filhos gerados por família, impedindo-as de terem suas identidades reconhecidas, sendo abusadas, violentadas, tendo papéis de coadjuvantes.

Para os autores Araújo e Scalon (2005), ao longo da história na moldagem dos vínculos da reprodução da família, os lugares ocupados por homens e mulheres na vida social, sempre seguiam os padrões característicos da existência de relações de gênero marcadas por uma hierarquia entre os sujeitos, assumindo os homens posição dominante e por uma divisão de atribuições assimétricas valorizada, ficando as mulheres responsáveis pela reprodução e pelas tarefas domésticas, esferas menos valorizadas.

Seus trabalhos por muito tempo foram considerados apenas ajudas na Agricultura Familiar, e toda valorização social e institucional era dada aos homens; mas com essas experiências e muita força de vontade, usaram suas criatividade e passaram ao enfrentamento silencioso, dando novas roupagens às hortas, que tornaram-se agroecológicas em primeiro plano para alimentar os filhos e reduzir os gastos e nas assembleias, pequenas reuniões das associações e/ou cooperativas, passaram a articular junto aos órgãos competentes a exemplo da Emater/PB, cursos, oficinas para reaproveitamento de alimentos, criação de receitas e a mudança na forma de produzir, valorizando as ervas medicinais, os ensinamentos tradicionais das gerações antepassadas e se aventuraram em testar adubos, sistemas econômicos com baixa utilização de água, e os resultados começaram a surgir, sem que o sexo oposto percebesse o movimento.

Neste âmbito, embasado em Schneider (2003), as mulheres começaram ainda nos laços de suas famílias, discutir suas organizações e como seriam inseridas nas cadeias produtivas, nas atividades laborais e morais de suas comunidades, criando estratégias individuais e coletivas que visam garantir a reprodução social do grupo e sua permanência nas relações do trabalho, no sustento da família e nos empreendimentos rurais de suas comunidades.

É fato que o cenário das trabalhadoras rurais, camponesas, ribeirinhas, apresentam as mesmas dificuldades, limitações e percalços dos 4 cantos do Brasil, a publicidade das peculiaridades da realidade da Serra da Teixeira, são para que entraves como a burocracia excessiva de empresas e órgãos de créditos e financiamento às mulheres abandonadas por seus maridos e criam seus filhos sozinhas deixe de existir; que as ameaçadas e agressões diariamente vivenciadas sejam denunciadas, que as responsabilidades com os companheiros sejam divididas, evitando as sobrecarreguem as triplas jornadas de trabalho, para que dias melhores venham.

Conclusões

Os dados apresentados atingem os objetivos da pesquisa, mantém a justificativa de fazê-la, e a partir da análise do material coletado, concebe-se que pluriatividade do desempenho das mulheres da Serra do Teixeira/PB frente aos negócios rurais, constituem-se em territorialidades, identidades e modos de vida próprios, refutando a retórica do sexo frágil, e por meio dos discursos de vitória e superação, seus potenciais não sejam ofuscados pelas marcas do sol e ganhem mais espaços e maior visibilidade, solidificando seus resultados e atuações.

Nesta empreitada acadêmica e humana, percebeu-se que o MMA impactou não só nas terras secas castigadas pela escassez da água, mas movimentaram o empoderamento feminino, tido como caminho para a diminuição das diversidades, exclusões, falta de respeito, discriminação, oportunizando-as a mostrar o quão são capazes de lidar com a tripla jornada imposta, educar seus filhos a serem homens e mulheres do bem, mantendo o sorriso no rosto, a esperança no coração e a estima mais alta que os obstáculos, impulsionando-as a ter coragem de arriscar, compartilhar experiências e os planos, elevar a estima, criar e recriar iniciativas de cooperação, estimulando o desenvolvimento da região.

Palavras-Chave: Empreendimentos Femininos; Empoderamento da Mulher; Empreendedorismo Rural

Fomento - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus Princesa Isabel

Referências

- BOM ANGELO, E. **A nova postura de quem faz a diferença**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- GUIMARÃES, L. A.; MARTINS, D. de A.; GUIMARÃES, P. M. Os métodos qualitativo e quantitativo: similaridades e complementaridade. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (org.). **Método Qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004.
- IBGE, Produção Agrícola Municipal 2013. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?. Acesso em: set. 2017.
- LANA, J.; ORLANDI, C.; CAMARGO, M.; BRANCO, M. A.; LENZI, F. C. A relação das competências empreendedoras e da conduta intraempreendedora no setor de serviços educacionais. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 7, n. 2, p. 77-95, 2013. Disponível em: http://www.spell.org.br/documentos/ver/30824/a-relacao-dascompetencias_ empreendedoras-e-da-conduta-intraempreendedora-no-setor-de-servicoseducacionais/i/pt-br. Acesso em: set. 2017.
- LEÓN, I. Mulher, vida e semente. In: Carvalho, Horacio Martins de (Org.). **Sementes: patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2003. p. 209-227.
- Movimento de Mulheres Camponesas. **História**. 2009. Disponível em: <http://www.mmcbrasil.com.br/site/node/44>. Acesso em: set. 2017. _____ XX Encontro Estadual do MMC, de 21 a 23 de agosto de 2010.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultura, 1982.